



VOCÊ É
AQUILO QUE AMA

O PODER ESPIRITUAL do HÁBITO

JAMES K. A. SMITH

“O que você ama?” Essa é a pergunta mais fundamental de nossa vida. Nesse livro impactante, com a naturalidade, a energia e a percepção que lhe são próprias, Smith explora não apenas qual deve ser o alvo de nosso amor, mas também como podemos aprender a amar o que devemos amar.

Miroslav Volf, Yale Divinity School, autor de *A public faith e Flourishing: why we need religion in a globalized world*

James Smith escreve com grande compreensão, autoridade e calor. Magistral!

Cornelius Plantinga Jr., presidente emérito do *Calvin Theological Seminary* e autor de *Reading for preaching*

Nesse livro sábio e desafiador, James Smith tem a coragem de fazer a pergunta “Será que amamos o que pensamos amar?”. Qualquer esforço para responder a essa pergunta de forma honesta trará algum desconforto. Smith nos estimula a fazê-lo e então nos mostra a vida renovada e abundante que aguarda os cristãos cujos hábitos e práticas — cujas liturgias da vida — operam para abrir o coração para nosso Deus e para o próximo.

Alan Jacobs, Honors College, Baylor University

A obra *Desiring the kingdom* exerceu maior influência sobre mim do que qualquer livro nos últimos dez anos. Eu — e o restante da igreja — devemos muito ao academicismo de Smith, agora especialmente acessível em *Você é aquilo que ama*. Como ferramenta para reimaginarmos a tarefa do discipulado, esse livro deve ser leitura obrigatória para todo pastor, líder leigo e pai.

Jen Pollock Michel, autor de *Teach us to want*, livro do ano de 2015 da *Christianity Today*

Smith tem um talento excepcional para desembaraçar as coisas. Aqui mais uma vez seus esforços desembaralham nossa mente e coração, libertando nossa imaginação para que seja captada pelo

reino e assim refleti-lo. Assim, Smith nos dá um grande presente para buscar e descobrir nossa maior necessidade.

Mark Labberton, diretor do *Fuller Theological Seminary*

Atenção, todos vocês, “leitores gerais” — não acadêmicos ou especialistas (embora também sejam bem-vindos), mas aqueles cansados de reflexões rasas e de frases da moda! Esse é o tipo de livro que vocês desejavam. É um pouco como aqueles “grandes cursos”. Um professor inspirado, um assunto cativante e vocês. O que estão esperando?

John Wilson, editor de *Books & Culture*

Sob a influência das perspectivas de Agostinho, *Você é aquilo que ama* explora a substância do discipulado cristão como uma transformação total da vida por meio da adoração e da liturgia. Mais do que qualquer outro escritor contemporâneo, Smith ajudou-me a compreender como a crença é corporificada sobretudo por meio dos hábitos ligados ao desejo. Descobri com ele também que o próprio Deus é a verdadeira satisfação de nosso coração faminto. Esse livro deve ser lido por todo seguidor de Jesus.

Sandra McCracken, cantora e compositora

VOCÊ É
AQUILO QUE AMA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Smith, James K. A.

Você é aquilo que ama : o poder espiritual do hábito / James K. A. Smith
; tradução de James Reis. -- São Paulo : Vida Nova, 2017.

256 p.

ISBN 978-85-275-0789-9

Título original: *You are what you love: the spiritual power of habit*

1. Adoração 2. Liturgia 3. Cristianismo e cultura I. Título

II. Reis, James

17-0724

CDD 264.001

Índices para catálogo sistemático:

1. Adoração

VOCÊ É
AQUILO QUE AMA

O PODER ESPIRITUAL do HÁBITO

JAMES K. A. SMITH

TRADUÇÃO
JAMES REIS


VIDA NOVA

©2016, de James K. A. Smith

Título do original: *You are what you love: the spiritual power of habit*,
edição publicada pela BRAZOS PRESS,
uma divisão do BAKER PUBLISHING GROUP (Grand Rapids, Michigan, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 75, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2017

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da
Almeida Século 21.

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Marcia B. Medeiros

Rosa Ferreira

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Marcia B. Medeiros

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Virginia Neumann

REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Felipe Marques

ADAPTAÇÃO DA CAPA

Vania Carvalho

Para
JOHN WITVLIET,
conspirador juntamente comigo.

Em memória de
ROBERT WEBBER,
um de meus mais importantes mestres,
embora jamais tenhamos nos encontrado.

Acima de tudo que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida.

— Provérbios 4.23

Meu peso é meu amor. Para onde quer que eu seja levado, é ele quem me leva.

— Agostinho, *Confessions* [*Confissões*]

Os amantes são os que mais sabem sobre Deus; os teólogos devem ouvi-los.

— Hans Urs von Balthasar, *Love alone is credible*

Que nós nos Estados Unidos precisamos de cerimônias é, creio eu, marujo, a mensagem do que escrevi.

— John Updike, “Packed dirt, churchgoing, a dying cat, a traded car”

Às vezes, são as pequenas coisas que ocupam mais espaço em seu coração.

— Ursinho Pooh

SUMÁRIO

Agradecimentos

Prefácio

1. Você é aquilo que ama
Adorar é humano
2. Você pode não amar aquilo que acredita amar
Aprendendo a ler as liturgias “seculares”
3. O espírito o encontra onde você estiver
Adoração histórica para uma era pós-moderna
4. Em que história você está inserido?
O arco narrativo da adoração cristã formadora
5. Guarde seu coração
As liturgias do lar
6. Ensine bem seus filhos
Aprendendo de cor
7. Você faz o que deseja
Liturgias vocacionais

Impetração de bênção

Para aprofundar a leitura

AGRADECIMENTOS

Jamais teria imaginado que pudesse escrever um livro como este, mas meus amigos da Brazos e do Baker Publishing Group sim, e sou grato pelo convite e incentivo (e paciência!) deles. Agradeço especialmente ao meu editor, e acima de tudo amigo, Bob Hosack, que muito tempo atrás apostou em mim. Toda a equipe Brazos tem sido um apoio sem igual. É uma honra trabalhar com eles.guardo com expectativa nosso futuro juntos.

Este livro está bem distante dos calhamaços de meus primeiros livros sobre filosofia francesa. Cheguei aonde estou graças ao incentivo de dois teólogos especializados em liturgia que considero meus professores. A obra de Robert Webber teve grande impacto em uma fase crucial de minha vida e, em muitos aspectos, apenas escrevo no rastro de sua obra. Este pequeno livro é uma modesta canoa que flutua atrás do portentoso navio da coletânea “antiga-futura” [ancient-future] de Webber.¹ Se eu puder ajudar algumas pessoas a embarcar na nave-mãe, meu trabalho terá sido realizado.

Num nível mais pessoal ainda, meu colega e amigo John Witvliet é alguém que se alegra em incentivar o trabalho de outras pessoas, atuando como catalisador para que elas concretizem algumas das seis milhões de ideias que John tem todos os dias antes do café da manhã (das quais apenas umas poucas são impossíveis). Meu raciocínio sobre essas questões foi iniciado por um misto de questionamentos e desafios lançados pelo John, que também me forneceu diversas respostas. Dedico este livro a essas duas pessoas numa pequena tentativa de quitar meu débito.

Ao longo dos últimos cinco anos, tenho desfrutado da hospitalidade de um grande número de escolas, faculdades, universidades, igrejas e outras organizações que têm me convidado para falar sobre esses temas. Este livro surgiu a partir dessas

conversas. Sou grato pela oportunidade de pensar em voz alta com amigos e me lembro com saudade de inúmeros momentos. Sempre achei que livros reuniam leitores, mas jamais me dei conta de que também gerariam amizades.

Alguns desses amigos gentilmente concordaram em abrir um espaço nas agendas cheias para ler um esboço deste livro. Sou grato pela bondade e pela honestidade, pelo encorajamento e pela discordância. Meus agradecimentos a Matthew Beimers, Darryl De Boer, Mike Cospers e ao rev. Chris Schutte por acompanharem este projeto. Senti a presença de meus amigos durante as revisões finais.

Grande parte deste trabalho foi escrito e revisado na rua de minha casa, na padaria Wealthy Street Bakery. Agradeço a eles por me deixarem acampar em suas dependências por longas tardes, apenas pelo preço de um cappuccino (e, de vez em quando, um pãozinho recheado — mas não conte a Deanna). A trilha sonora do livro chegava aos meus ouvidos através de meus fones nessas tardes: uma mistura de *Southeastern*, de Jason Isbell; The Avett Brothers; National; e, nos estágios finais, a brilhante tristeza de *Carrie and Lowell*, de Sufjan Stevens.

Se este livro lhe der um vislumbre de minha vida, você verá que se trata de uma vida moldada indelevelmente por uma comunidade de amigos e familiares que me ensinaram a amar. Mark e Dawn Mulder têm sido uma presença constante em nossa vida há quinze anos, amigos que são mais como família. Também somos gratos por Gwen e Ryan Genzink, que têm caminhado conosco e partilham do nosso gosto por bons coquetéis.

Você verá algumas menções a nossos filhos nessas páginas, mas ainda não é o bastante para que compreenda o quanto eles têm me abençoado. Considero a mais absoluta graça eles me amarem apesar de minhas deficiências e falhas.

Acima de tudo, pairando acima de todos e de tudo isso está Deanna. Ela transformou nosso lar e nossa vida em uma incubadora de amor. Frequentemente sou lembrado de algo que percebi ao visitar o L'Abri, na Suíça. Embora eu tenha sido atraído até lá pela obra filosófica de Francis Schaeffer, qualquer pessoa que faça a

peregrinação ao L'Abri percebe que o *éthos* de onde sua obra emergiu era nutrido por sua esposa, Edith. Ela, com seu dom de hospitalidade, não apenas deu “suporte” a Francis: ela tornou as realizações dele possíveis. Ela cultivou o espaço de imaginação que deu à luz suas visões e ideias (bem apreendidas na história do L'Abri escrita por Edith Schaeffer, mas também mencionada em *The hidden art of homemaking* [A arte escondida do cuidado do lar]).² Assim, este livro também surge de um lar que o tornou possível: as ideias cresceram no solo dos jardins de Deanna, foram alimentadas por sua incrível paixão por boa comida, passaram pela beleza que ela cultivou em nossa casa e floresceram graças a seu dom de hospitalidade (leia-se “vinho e queijo!”). A graça singular que tenho em minha vida é ser amado por ela.

¹*Ancient-future faith: rethinking evangelicalism for a postmodern world* (Grand Rapids: Baker, 1999); *Ancient-future evangelism: making your church a faith-forming community* (Grand Rapids: Baker, 2003); *Ancient-future time: forming spirituality through the Christian year* (Grand Rapids: Baker, 2004); *Ancient-future worship: proclaiming and enacting God's narrative* (Grand Rapids: Baker, 2008).

² Edith Schaeffer, *The hidden art of homemaking* (Wheaton: Tyndale, 1971).

PREFÁCIO

Você chegou a um entendimento. Deus se tornou maior aos seus olhos. Você captou o sentido da abrangência e do alcance do evangelho: que o poder renovador de Cristo chega “até onde a maldição está”. Você compreendeu que Deus não se detém apenas no resgate de almas, ele está redimindo “*todas as coisas*” (Cl 1.20; grifo do autor).

A Bíblia ganhou nova vida para você de uma forma jamais experimentada. É como se você estivesse lendo Gênesis 1 e 2 pela primeira vez, compreendendo que fomos criados para ser realizadores designados a ser portadores da imagem de Deus ao assumir a tarefa que nos foi dada por ele de formar uma cultura. É como se alguém tivesse lhe dado um novo anel decodificador para a leitura dos profetas. Você não consegue entender como nunca se deu conta da preocupação apaixonada de Deus por justiça: seu chamado para que o povo de Deus cuidasse dos humilhados e defendesse os oprimidos. Agora, ao ler, é impossível deixar de notar a presença persistente da viúva, do órfão e do estrangeiro.

Agora a questão é: “Em que isso se relaciona com a igreja?”.

Este livro enuncia uma espiritualidade para formadores de cultura, demonstrando (assim espero) por que o discipulado deve ser centrado e alimentado por nossa imersão no corpo de Cristo. A adoração é a “estação da imaginação” que incuba nossos amores e anseios, para que nossos empreendimentos culturais tenham Deus e seu reino como referencial. Se há em você paixão por buscar justiça, renovar a cultura e assumir sua vocação de fazer fluir todo o potencial da criação, você precisa investir na formação de sua imaginação. Precisa ser o curador de seu coração. Precisa adorar corretamente. Pois você é aquilo que ama.

E você adora aquilo que ama.

E pode ser que não ame o que pensa amar.

O que suscita uma questão importante. Ousemos propô-la.



VOCÊ É AQUILO QUE AMA

Adorar¹ é humano

“O que você quer?”

Essa é a questão. É a primeira, a última e a mais importante pergunta do discipulado cristão. No Evangelho de João, é a primeira pergunta que Jesus faz àqueles que viriam a segui-lo. Quando dois futuros discípulos, arrebatados pelo entusiasmo de João Batista, começam a segui-lo, Jesus se volta rapidamente e pergunta de forma incisiva: “... Que desejais?...” (Jo 1.38).

Essa é a questão implícita em quase todas as demais perguntas que Jesus faz a cada um de nós. “Você virá e me seguirá?” é outra versão de “Que desejais?”, assim como a pergunta fundamental que Jesus faz ao seu discípulo errante, Pedro: “... tu me amas?...” (Jo 21.16).

Jesus não se encontra com Mateus, com João, ou mesmo com você ou comigo e pergunta: “O que você sabe?”. Ele nem mesmo pergunta: “Em que você crê?”. Pergunta: “O que você quer?”. É a pergunta mais incisiva e penetrante que Jesus pode nos fazer, porque precisamente nós *somos* o que queremos. Nossas vontades, anseios e desejos estão no cerne de nossa identidade, a fonte de onde fluem nossas ações e comportamentos. Nosso querer reverbera o que há em nosso coração, o epicentro da pessoa humana. Por isso, as Escrituras aconselham: “Acima de tudo que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4.23). Poderíamos dizer que o discipulado é uma

forma de você exercer uma “curadoria”, exercer cuidados, estar atento quanto ao que ama e de ser intencional quanto a isso.

Assim, o discipulado diz mais respeito a desejar, ansiar do que a conhecer e crer. A ordem de Jesus para que o sigamos é um chamado a alinhar nossos amores e anseios aos dele — querer o que Deus quer, desejar o que Deus deseja, ansiar pelo que Deus anseia e almejar por um mundo onde ele é tudo em todas as coisas — uma visão que se resume na expressão “o reino de Deus”.

Jesus é um mestre que não apenas instrui nosso intelecto, ele forma nossos próprios amores. Ele não se contenta em apenas depositar novas ideias em nossa mente; ele busca nada menos que nossos desejos, amores e anseios. Seu “ensino” não toca apenas no espaço calmo, tranquilo e sereno da reflexão e da contemplação; ele é um mestre que invade as regiões mais aquecidas e apaixonadas do coração. Ele é a Palavra que “penetra até o ponto de dividir alma e espírito”; *ele* “é capaz de perceber os pensamentos e intenções do coração” (Hb 4.12). Seguir a Jesus é tornar-se um aluno do Rabi que nos ensina a *amar*; ser um discípulo de Jesus é matricular-se na escola do amor. Jesus não é um catedrático. Sua escola do amor ou da caridade não é como um auditório onde passivamente tomamos notas, enquanto Jesus expõe fatos sobre si num discurso tedioso de PowerPoint, carregado de texto.

Ainda assim, frequentemente abordamos o discipulado como uma iniciativa principalmente didática; como se tornar um discípulo de Jesus fosse um projeto predominantemente intelectual, uma questão de conhecimentos a ser adquiridos. Por que isso ocorre?

Porque toda abordagem do discipulado e da formação cristã presume um modelo implícito daquilo que os seres humanos são. Apesar de essas pressuposições permanecerem geralmente inarticuladas, nós, contudo, trabalhamos com algumas suposições fundamentais (ainda que não manifestas) sobre o tipo de criatura que somos — e, portanto, sobre o tipo de aprendizes que somos. Se ser um discípulo é ser aluno e seguidor de Jesus, então muita coisa depende do que você entende por “aprender”. E aquilo que você entende por aprender depende do que você pensa que os seres humanos são. Em outras palavras, sua compreensão do discipulado

refletirá um conjunto de suposições práticas sobre a própria natureza dos seres humanos, ainda que você jamais tenha feito tais perguntas a si mesmo.

Isso mexeu comigo de forma significativa, por muitos anos. Enquanto folheava a edição de uma conhecida revista cristã, fiquei impressionado com um anúncio colorido de um programa de memorização de versículos bíblicos. No centro do anúncio havia o rosto de um homem, com uma frase impressionante de uma ponta à outra de sua testa: “VOCÊ É AQUILO QUE PENSA”. Essa é uma forma bastante explícita de declarar o que muitos de nós presumimos implicitamente. De formas mais “modernas” que bíblicas, fomos ensinados a acreditar que os seres humanos são fundamentalmente *coisas pensantes*. Embora talvez jamais tenhamos lido ou mesmo ouvido falar do filósofo francês do século 17 René Descartes, muitos de nós, inconscientemente, concordamos com sua definição da essência da pessoa humana como *res cogitans*: uma “coisa pensante”. Como Descartes, vemos nossos corpos como (na melhor das hipóteses!) veículos irrelevantes e temporários, que carregam por aí nossas almas ou “mentes”, que são o lugar onde a verdadeira ação acontece. Em outras palavras, imaginamos os seres humanos como aqueles bonecos cabeçudinhos, de cabeça gigante e corpo minúsculo e insignificante. Vemos a mente como o “controle da missão” da pessoa humana; nossos pensamentos definem quem somos. “Você é o que você pensa” é um lema que reduz os seres humanos a cérebros no palito. Ironicamente, essa coisificação do pensamento parte do princípio de que o “coração” da pessoa é a mente. “Penso, logo existo”, disse Descartes, e a maioria de nossas abordagens ao discipulado acaba copiando essa ideia.

Um modelo assim tão intelectualista da pessoa humana, que nos reduz a um mero intelecto, considera que o aprendizado (e, portanto, o discipulado) consiste principalmente em depositar ideias e crenças em repositórios mentais. A crítica e teórica da pedagogia bell hooks,² ecoando o pensamento de Paulo Freire, chama isso de um modelo “bancário” de educação: nós tratamos os aprendizes humanos como caixas para o depósito de conhecimento e ideias, meros receptáculos intelectuais de crenças. Dessa forma, concebemos a ação como um tipo de “saque” desse banco de

conhecimentos, como se nossos atos e comportamentos fossem sempre o resultado de uma reflexão consciente, ponderada e racional que culminasse numa escolha — como se nosso comportamento se resumisse à conclusão de um curto silogismo em nossa mente, por meio do qual compreendemos o mundo por meio do *pensamento*. Em tudo isso, ignoramos o assombrante poder do hábito.³

Assim, supomos que um discípulo seja um *aprendiz* que esteja adquirindo mais informações sobre Deus por meio das Escrituras, que um discipulado sério é na verdade um discipulado *da mente*. E isso naturalmente é verdade. As Escrituras ordenam que levemos todo pensamento cativo a Cristo (2Co 10.5) e que sejamos transformados pela renovação da nossa mente (Rm 12.2). O seguidor de Jesus será um estudante da Palavra, alguém cujo “prazer está na lei do SENHOR” (Sl 1.2). Se você segue a Jesus com seriedade, aproveitará cada oportunidade de aprender mais sobre Deus, a Palavra dele, aquilo que ele exige de nós e o que ele deseja para sua criação. Você não se limita a frequentar o culto e ouvir o sermão: você frequenta classe de ensino para adultos, une-se a um pequeno grupo de estudos bíblicos, lê a Bíblia diariamente, comparece a quantas conferências for possível, devora livros que o ajudem a compreender melhor a Deus e a sua Palavra, bebe conhecimento. *Você quer aprender.*

Ironicamente, isso é válido até para as versões da fé cristã vistas como “anti-intelectuais”. Muitas formas de piedade e discipulado cristãos que não dão crédito à teologia formal e ao estudo aprofundado são, no entanto, “intelectualistas” no modo de abordar o discipulado e a formação cristã, tacanhamente concentradas em preencher nossos poços intelectuais com conhecimento bíblico, convictas de que podemos chegar à santidade por meio do *pensamento*, ou seja, santificação por transferência de informações. De fato, é exatamente essa a convicção por trás do anúncio do programa de memorização de versículos bíblicos mencionado acima: se “você é o que pensa”, então preencher seu órgão pensante com versículos bíblicos deve produzir um caráter semelhante ao de Cristo, correto? Se “você é o que pensa”, então mudar o que pensa deve mudar quem você é, certo?

Certo?

O poder do hábito

Você já experimentou um hiato entre aquilo que *sabe* e aquilo que *faz*? Já percebeu que novos conhecimentos e informações não parecem produzir uma nova forma de vida? Já passou pela experiência de ouvir um sermão que trouxe informação e esclarecimento de forma incrível no domingo, de acordar na segunda pela manhã firmemente convicto e decidido a ser diferente e já fracassar na terça à noite? Você está faminto por conhecimento, sedento por beber conceitos bíblicos e anseia ser semelhante a Cristo, mas todo esse conhecimento parece não produzir uma forma de vida. Parece que não conseguimos chegar à santidade por meio do pensamento. Por que isso acontece? Será que você se esqueceu de algo? Há alguma *outra* porção de conhecimento que ainda precisa adquirir? Será que você não está pensando com a devida profundidade?

E se tudo for assim porque você não é apenas uma coisa pensante? E se o problema for precisamente o modelo implícito da pessoa humana com que temos trabalhado em toda essa abordagem do discipulado? E se Descartes estava errado e temos sido ludibriados ao nos vermos como coisas pensantes? E se não formos acima de tudo “pensantes”? Então nosso problema não se resume a uma decisão pessoal ou à falta de conhecimento. O problema está exatamente em nossa coisificação do pensamento.

Mas qual é a alternativa? Se questionarmos a primazia do pensamento e do conhecimento, não cairemos numa visão anti-intelectualista da emoção e dos sentimentos? E não é exatamente esse o erro da cultura contemporânea? Abraçamos o raciocínio “se lhe agrada, faça” que nos encoraja a “seguir nossas paixões” e a agir de acordo com qualquer capricho, instinto ou apetite que nos mova. Não é exatamente por isso que os cristãos precisam se concentrar no *pensamento*, em adquirir o *conhecimento* necessário para se opor à cultura do impulso?

Bem, como isso está funcionando para você? Não estamos com o mesmo problema nas mãos? Todo seu novo conhecimento, informação e raciocínio conseguiram libertá-lo desses hábitos? Como bem sabe qualquer pessoa que já tenha comparecido a uma reunião dos Alcoólicos Anônimos, “Seu melhor raciocínio o meteu nessa encrenca”.⁴

Questionar a coisificação do pensamento não é o mesmo que rejeitá-lo. Reconhecer os limites do conhecimento não significa abraçar a ignorância. Não precisamos *subtrair* o conhecimento, precisamos acrescentar. Precisamos reconhecer o poder do hábito.

Por isso precisamos rejeitar a ideia reducionista que inconscientemente absorvemos na era moderna segundo a qual somos exclusivamente coisas pensantes. Em vez disso, precisamos adotar um modelo mais holístico e bíblico da pessoa humana que *situe* nosso pensamento e conhecimento em relação a outro aspecto mais fundamental. Estamos tão acostumados a ler a Bíblia com um olhar cartesiano — enxergando o mundo através das lentes de Descartes do “penso, logo existo” — que vemos nela a confirmação de nosso intelectualismo e de nossa coisificação do pensamento. Mas numa leitura mais atenta, colocando de lado essas viseiras singularmente modernas, encontraremos nas Escrituras um modelo muito diferente.

Veja, por exemplo, a notável oração de Paulo pelos cristãos em Filipos, na parte inicial de sua carta a eles: “E peço isto em oração: Que o vosso amor aumente cada vez mais no pleno conhecimento e em todo entendimento, para que aproveis as coisas superiores, a fim de serdes sinceros e irrepreensíveis até o dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus” (Fp 1.9-11). Observe a sequência da oração de Paulo aqui. Se fizer uma leitura muito rápida, poderá ter a impressão de que Paulo preocupa-se principalmente com o conhecimento. De fato, uma análise superficial, em razão de nossos hábitos mentais, poderia levá-lo a pensar que Paulo está orando para que os cristãos em Filipos aprofundem seu conhecimento, de modo a saberem o que amar. Mas leia novamente. A oração de Paulo, na verdade, é o inverso: ele ora para que o *amor* deles aumente mais e mais porque, em certo sentido, o amor é uma condição para o

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Você é aquilo que ama"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).